

**Uma análise dos marcadores conversacionais presentes na linguagem periférica desenvolvida no primeiro episódio do quadro Entrelinhas no canal do Youtube de Silvio Almeida.**

<sup>1</sup>Janiele Sales dos Santos Silva

<sup>2</sup>Juliana Geórgia Gonçalves de Araújo

**Resumo**

Este artigo tem por objetivo descrever os marcadores conversacionais e os traços que marcam a resistência linguística de comunidades periféricas a partir da identificação destes no primeiro episódio do quadro Entrelinhas no canal do Youtube de Silvio Almeida. Visa discutir a relevância da decolonização da língua portuguesa brasileira a partir do reconhecimento da linguagem periférica. Para tanto, reconhece-se Antônio Marcuschi (1989) e Urbano (1993), que concebem os marcadores conversacionais como fundamentais na conversação, bem como intelectuais como Kilomba(2019) e Nascimento(2019) que reconhecem como a linguagem está diretamente ligada a questões de raça. Desenvolveu-se, a partir do método qualitativo, uma análise de cunho descritivo a fim de identificar os marcadores que representam a linguagem periférica. Também verificou-se, a partir desses marcadores, a linguagem como forma de resistência. Essa linguagem, fruto da diversificação das narrativas periféricas, não foge das organizações linguísticas e, por sua pluralização, é refém do racismo linguístico e do epistemicídio, mas se mostra altamente necessária, a partir da sua resistência, para a decolonialidade do português brasileiro.

**Palavras-chave:** Marcadores conversacionais. Resistência. Linguagem periférica. Decolonização.

**Abstract**

This paper aims to describe the conversational markers and the features that mark the linguistic resistance of peripheral communities from the identification of these in the first episode of Entrelinhas on the Youtube channel of Silvio Almeida. The aim is to discuss the relevance of the decolonization of the Brazilian Portuguese language based on the recognition of the peripheral language. To this end, we recognize Antonio Marcuschi (1989) and Urbano (1993), who conceive conversational markers as fundamental in conversation, as well as intellectuals such as Kilomba(2019) and Nascimento(2019) who recognize how language is directly linked to issues of race. A descriptive analysis was developed from the qualitative method in order to point out the markers that mark the peripheral language and understand from it the language of resistance coming from these communities. This language, fruit of the diversification of peripheral narratives, does not escape from linguistic organizations, and because of its pluralization, is hostage to linguistic racism and epistemicide, but it shows itself highly necessary, from its resistance, for the decoloniality of the Brazilian Portuguese.

**Keywords:** Conversational markers. Resistance. Peripheral language. Decolonization.

---

<sup>1</sup> Discente do curso de Letras- Língua Portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-Unilab.

<sup>2</sup> Orientadora. Pós-doutora em Educação Especial pela Universidade Federal de São Carlos- UFScar

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho discute o papel dos marcadores conversacionais dentro da linguagem periférica presente no primeiro episódio do quadro Entrelinhas de Silvio Almeida. Estes marcadores possuem papéis fundamentais na estrutura da conversação, dessa forma, as unidades típicas da fala presente neles, assim como define Urbano (1993), ajudam na fluidez do texto falado, proporcionando coesão e coerência. São, portanto, elementos que desenvolvem a conversação, sendo indicadores de início de turno, passagem, sustentação e articulação no desenvolvimento dos segmentos de tópicos ou temáticas no texto falado.

O estudo sobre os marcadores permite que compreendamos o caráter multifuncional da linguagem, pois estes operam como organizadores da interação conversacional, assim como defende Marcuschi (1989). Contudo, é necessário observar esses marcadores de um ângulo social, dentro da linguagem periférica. Esta é compreendida como uma linguagem sem prestígio na sociedade brasileira, por utilizar, por exemplo, gírias e por não seguir a norma culta do português, utilizada no subúrbio das grandes cidades. Essa linguagem, a partir da imposição da língua portuguesa na colonização, é entrelaçada ao preconceito racial por ser predominante a pessoas negras periféricas e que, portanto, fomentam o linguicídio<sup>3</sup> desta.

Para tanto, compreende-se a importância de analisar os traços desses marcadores da linguagem periférica dentro da conversação desenvolvida no primeiro episódio do quadro Entrelinhas no canal no Youtube de Silvio Almeida, professor, advogado, jurista, filósofo e ministro do governo de Inácio Lula da Silva do Partido dos Trabalhadores(PT) no ano de 2023. Em seu canal aborda assuntos de extrema relevância para a população negra com o objetivo de ser uma janela acessível a assuntos que precisam de mais visibilidade frente às desigualdades sociais. Uma vez que o mesmo utiliza da linguagem periférica no material, essa análise possui impacto na área de Letras, pois contribui diretamente na compreensão da relação da linguagem com a resistência, uma vez que o episódio possui como convidado o rapper Mano Brown, um dos artistas mais importantes do rap brasileiro e que possui uma história de luta marcada pela denúncia

das desigualdades sociais presentes na sociedade, principalmente nos espaços periféricos e com a população negra.

Com essa finalidade, tem-se como objetivo descrever os marcadores conversacionais e os traços que marcam a resistência linguística, para que seja possível a identificação dessas

---

<sup>3</sup> De acordo com Nascimento (2019), linguicídio é o epistemicídio que se dá por meio da linguagem (seja na conceituação, nomeação ou discriminação direta) ou das políticas linguísticas.

marcas na conversação entre entrevistador e entrevistado. Com isso, busca-se mostrar a relevância da análise da linguagem nessa perspectiva e a discussão em torno da decolonialidade da norma do português brasileiro.

Para que alcance-se esses objetivos, é necessário seguir uma abordagem descritiva desses marcadores conversacionais presente na linguagem periférica, a fim de reconhecer os marcadores neste material e as características da conversação que marcam a resistência linguística.

Esse trabalho traçou um caminho, destacando primeiramente os marcadores conversacionais, buscando delimitar sua conceituação; em seguida, realizou-se uma discussão em torno da relação entre linguagem e racismo. Por fim, tratou-se sobre a resistência de Mano Brown e Silvio Almeida para assim fazer uma análise dos marcadores na conversação desenvolvida por ambos no quadro *Entrelinhas*.

## **2. OS MARCADORES CONVERSACIONAIS E A RESISTÊNCIA LINGUÍSTICA**

A linguagem verbal é o artifício que exterioriza os pensamentos, o veículo principal da comunicação. Desde os primórdios ela é essencial dentro da sociedade, orientada pelas realidades de seus falantes, assim como um ato social estabelecido através das culturas para interação dentro da sociedade. Compreende-se que a língua falada possui fundamentos que são articulados para que as conversações ocorram com êxito, ou seja, para que haja coesão e coerência na comunicação. Esses fundamentos são marcas conversacionais que operam como organizadores da interação, articuladores dos textos e indicadores de locução, segundo Marcuschi (1989: 282). Este foi quem iniciou os estudos sobre Análise da Conversação nos anos 80 com o livro *Análise da Conversação*, em que evidencia a importância dos marcadores na comunicação oral e sua compreensão.

Outro pesquisador a se dedicar a Análise da Conversação foi Urbano (1999, p. 85). De acordo com o autor, os marcadores conversacionais são “elementos típicos da fala” que se desenvolvem com frequência e recorrência no discurso internacional. O autor evidencia a contribuição desses elementos para a coesão e coerência no texto falado, que, ao marcar as funções presentes na interação conversacional, recebem o nome de marcadores conversacionais. Compreendemos aqui, portanto, que são constituintes que unem as estruturas de um texto verbal, assim como a interação gerada na comunicação.

Marcuschi (2003) ressalta uma divisão desses marcadores em três tipos: verbais (palavras e/ou expressões); não verbais (olhar, risos, gestos) e suprasegmentais (pausas e prolongamentos). Para melhor compreender-se, segue-se um quadro demonstrativo do autor presente na sua obra de 1986.



(MARCUSCHI, 2003, p. 68)

Seguindo a linha de pesquisa, apresentamos também alguns marcadores conversacionais especificados por Urbano (1999, p. 100-101):

- (1) marcadores de hesitação: ah, ah, ah ahn, eh eh; alongamento de vogais; pausas longas;
- (2) marcadores de teste de participação ou busca de apoio: sabe?, né? / não é?, certo?;
- (3) marcadores de atenuação de atitude do falante: eu acho que, tenho impressão de que;
- (4) marcadores de apoio/ monitoramento do ouvinte: ahn ahn, uhn uhn, sei.

Compreende-se dessa forma que estes são elementos essenciais no meio comunicativo, sendo responsáveis pela fluência do texto falado, portanto, a organização conversacional é estabelecida a partir deles e por eles. Não obstante, é importante analisar os marcadores conversacionais dentro da linguagem periférica. A periferia possui uma linguagem extremamente diversificada e que foge da norma culta do português brasileiro, o que a torna não prestigiada dentro da sociedade. Assim como González(1988) caracteriza, há

um protuguês, esse das comunidades periféricas, modificado dentro das suas realidades, uma vez que ele é predominante no falar de pessoas negras. Consequentemente, essa linguagem se encontra entrelaçada ao preconceito racial, uma vez que é desprestigiada não apenas por não seguir a norma gramatical do protuguês, mas por está presente no falar de pessoas negras periféricas.

## 2.1 Relação entre linguagem e racismo

A linguagem periférica possui na conversação marcas conversacionais que a diferencia das demais. Juntamente com as <sup>4</sup>gírias, torna-se uma linguagem característica de espaços minorizados na sociedade, onde se concentra a maioria das pessoas negras e pobres, portanto, marcando uma variação linguística pertencente a esses espaços. É na narrativa dessas pessoas que a língua é cheia de particularidades. As expressões de seus falantes possuem contextos de falas específicos que dão aos marcadores conversacionais uma significação para além da manutenção do diálogo, mas particularidades que evidenciam as gírias e expressões criadas a partir da mistura das diversas línguas introduzidas pela colonização, a “marca da africanização do português falado no Brasil” (GONZALEZ, 1988, p.70). A língua portuguesa na colonização foi uma marca de dominação, uma vez que fomos assujeitados a língua do colonizador. Segundo Nascimento (2019), o negro foi obrigado a falar a língua do invasor, a colonialidade touxe a língua como um bem imaterial de dominação. Porém, não impediu que o português brasileiro não tivesse traços das línguas já aqui presente dos povos originários, assim como dos povos africanos que aqui vieram na diáspora.

A pluralidade presente na linguagem periférica é problematizada pela burguesia branca brasileira. São notórios os diversos ataques, através do preconceito linguístico, aos falares de pessoas não brancas periféricas, portanto, compreendemos que o racismo também encontra-se na língua. Nascimento(2019) também afirma que a indústria do bom português, para além de oportunizar o preconceito linguístico, é racista, denominando isso como racismo linguístico. Gonzalez(1983) aborda uma concepção relevante a compreensão quanto a essa linguagem uma vez que sua pluralização possui marcas linguísticas próprias no português brasileiro, “acham o maior barato a fala dita brasileira, que corta os erres dos infinitivos verbais, que condensa *você* em *cê*, *está* em *tá* e por aí fora. Não sacam que tão falando protuguês.” (GONZALEZ, 1983, p.238). O brasileiro de classe média, não reconhece a

---

<sup>4</sup> São palavras ou frases que não seguem a norma culta, usadas em determinados grupos e/ou classes sociais, com expressões metafóricas, jocosas e/ou elípticas.

variação da linguagem periférica, por ser oriunda da população negra. O epistemicídio aos saberes oriundos de pessoas negras é visível nas diversas camadas da sociedade, e isso é evidente linguisticamente. “O epistemicídio atua como operador a partir do qual se estabelecem estratégias de inferiorização intelectual da pessoa negra, culminando no rebaixamento de sua produção” CERQUEIRA(2021). O falar dessas comunidades não é legitimado só pela sua pluralização que foge do português culto, mas principalmente por vir de pessoas negras.

A produção da linguagem periférica é um bem imaterial da população negra. É evidente perceber que, mesmo com a introdução massante de um português elitista que desprestigia as variantes linguísticas e que insiste em ser inserido na educação brasileira, seguindo uma gramática preconceituosa a essas variantes, mesmo assim não é possível desconstruir a linguagem desses espaços. Não é significativo considerar que isso seja pela desigualdade social que há anos precariza a escolarização de pessoas pretas e periféricas, mas sim por toda a resistência e movimentação reivindicativa vindo desses locais. Assim como há denúncias sociais que marcam sua resistência, a manutenção da linguagem periférica percebida no cotidiano dessas pessoas, nos discursos, letras de músicas e na literatura marginal, marcam uma resistência também linguística.

Ser um cidadão da periferia é ser político. Quando somos resistência estamos lutando pela decolonização, esta que se entende como toda iniciativa de se desprender de raízes da episteme eurocêntrica, gerada a partir daqueles que foram subalternizados, colonizados, explorados e oprimidos, que, portanto, são forças transgressoras dentro do colonialismo. Apesar disso, não é diferente quando falamos de língua. A resistência linguística dessas pessoas, mesmo em condições precárias e subalternas, significa não passividade ao não aceitar a dominação de uma linguagem idealizada pela colonização. Quijano(2005) afirma que, mesmo que vivamos neste mundo colonizado, devemos nos rebelar contra o dominante e opressor.

Com ênfase no rap brasileiro, estilo musical predominante nas favelas e periferias, estamos diante de um grande movimento artístico cultural que possui vozes de luta de um grupo bastante marginalizado. A periferia fala também através das letras de rap e não se adequa a norma culta do português, mas a linguagem utilizada dentro de suas comunidades. O empoderamento destes abre espaço para a resistência e valorização da cultura periférica, portanto, o rapper Mano Brown e o estilo musical rap tem um papel fundamental no meio musical para essa luta, pois a música é o interfone que comunica a toda sociedade.

## 2.2 A resistência: O Rap e Mano Brown

Pedro Paulo Soares, conhecido como Mano Brown, é um dos rappers mais importantes do rap brasileiro. Compositor e líder do grupo Racionais MC'S, possui um papel fundamental dentro desses espaços, assim como também na resistência linguística. Ele que cresceu nos bairros Capão Redondo e Parque Santo Antônio de São Paulo, descreve com fidelidade a realidade do cotidiano violento da periferia. Suas letras possuem um poder pedagógico sobre seu público e isso é vital para a resistência linguística periférica, uma vez que se propaga a persistência dessa oralidade nas suas composições.

No início da carreira, pela negação de Mano Brown em não dar entrevistas e cantar fora das comunidades, demorou para que a voz do grupo ganhasse força e chegasse nas demais classes sociais. Hoje, sendo devidamente reconhecidos nacionalmente e compreendendo a importância de ocupar outros espaços, podemos analisar a importância desse artista e do grupo, e como a linguagem periférica assim como destacado aqui, não cedeu ao enquadramento social e continua nas letras e comunicação do rapper e seu grupo.

As composições de Mano Brown são expressivas à medida que o ritmo do estilo *hip hop* exige. São narrativas detalhadas da realidade periférica e fomentam a criticidade que as injustiças, problemas sociais, políticos e econômicos geram. A cultura desse estilo musical faz parte da vida de muitos jovens, mesmo que as letras sejam textos complexos e densos, a identificação é imediata ao tratar de temas relacionados a essas questões, ou seja, realidades que estes presenciam diariamente.

O *hip hop* surgido na década de 60 na Jamaica, é uma cultura formada por quatro elementos: o rap, o *Graffiti*, o *Break*, o *Dj* ou *MC's*, e o *Freestyle*. Essa cultura possui características específicas para cada país, mas sempre frisam na retratação da realidade local. No Brasil, possui mais de 30 anos, se tornando canal entre a favela e o restante da sociedade. Sempre buscando apresentar a vida da forma como ela é, sem romantizar a realidade, com denúncias e reivindicando atitudes do Estado, os Racionais MC'S buscam mudar a situação se expressando com sua própria linguagem, aquela que o seu público periférico conhece.

Esse movimento busca soluções, melhores qualidades de vida, acessibilidade, tudo que é negado ao negro, classe carente periférica. Mano Brown confirma esse foco em sua fala: “ Eu não me preocupo com a classe média. Eu me preocupo com o favelado, com o pobre, a periferia. O rap não apavora ninguém. A classe média já é apavorada por natureza...” (Mano Brown, CARTACAPITAL,2004, p. 17)

É nessa perspectiva que o rapper apresenta sua *escrevivência*, a arte de escrever sua vida e sua história enquanto pessoa negra. Termo criado pela escritora Conceição Evaristo,

traduz bem muitas das letras de Brown. Na música *Negro Drama* de sua autoria, apresenta o drama de viver entre o sucesso e a lama. Sua trajetória na periferia é evidente nos versos, assim como seu local de fala após o sucesso. “Sou exemplo de vitórias, trajetos e glórias/ O dinheiro tira um homem da miséria/ Mas não pode arrancar de dentro dele a favela” ( RACIONAIS MC’S, 2002).

### **2.3 A resistência: Silvio Almeida e canal.**

Silvio Almeida, jurista, filósofo e ministro dos Direitos Humanos no novo governo do presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva (PT,2023), é um dos maiores intelectuais da atualidade e reconhecido pelo seu trabalho de luta antirracista. Autor do livro *Racismo Estrutural*, reconhecemos ele como fundamental na resistência periférica, uma vez que compreende a importância de dar voz a pessoas negras, como afirma Yuri Silva, coordenador de Direitos Humanos no IREE e membro do grupo de transição na área de igualdade racial. "Ele é um intelectual negro que fala para os negros, para a esquerda brasileira, consegue dialogar com o centro político, e fala também para a mãe de família de classe média que assiste a Globo e que não necessariamente é de esquerda, ou às vezes é até conservadora". Compreende-se a fundamentação do papel do ministro dentro do governo e para a voz da periferia. Silvio Almeida no quadro *Entrelinhas* no seu canal no Youtube, destaca bem seu interesse em dialogar sobre questões raciais e minoritárias.

Almeida compreende de onde vêm as vozes que estão sendo canal para tais grupos, reconhecendo como o sistema é racista e discriminador frente a eles, inicia o canal a fim de ser janela de acesso a interlocuções necessárias para essas pessoas. “Não é que nós não tenhamos falado, o fato é que nossas vozes, graças a um sistema racista, têm sido sistematicamente desqualificadas, consideradas conhecimento inválido; ou então representadas por pessoas brancas que, ironicamente, tornam-se “especialistas” em nossa cultura, e mesmo em nós.” (KILOMBA, 2019, p. 35).

No seu canal na plataforma Youtube, Almeida leva conhecimento de forma acessível a mais pessoas, gerando debates necessários e que precisam de mais visibilidade, como: Neoliberalismo, Racismo, Pensamento social brasileiro, Necropolítica, Heróis negros, entre outros. A movimentação desses debates sobre diversos assuntos no canal se destaca pela linguagem fluida e descomplicada, o que é divergente da pessoa de Silvio Almeida enquanto ministro, jurista e filósofo. Este, reconhece a necessidade da linguagem informal nas entrevistas e outros vídeos no canal, para que pessoas de diversas faixas etárias e escolaridade consigam compreender os assuntos abordados. Enquanto em outros espaços Almeida usa uma

linguagem culta e séria, na plataforma interage naturalmente com uma linguagem coloquial, utilizada no cotidiano, sem exigência de atenção total à gramática, para que haja melhor fluidez da comunicação oral desenvolvida. Por conseguinte, a metodologia de análise aqui feita do primeiro episódio do seu canal, busca descrever como esta linguagem periférica foi desenvolvida por ambos interlocutores.

## **2.4 Procedimentos metodológicos**

Para orientar a análise do material acerca dos marcadores conversacionais presentes no episódio um do quadro Entrelinha de Silvio Almeida em seu canal no Youtube, adotamos o método qualitativo de análise da conversação entre entrevistador e entrevistado. A pesquisa é do tipo descritiva no qual buscamos descrever e apontar as características dos marcadores conversacionais que marcam a linguagem periférica a fim de reconhecer a resistência linguística a partir deles.

## **3. ANÁLISE**

Sendo uma voz ativa e relevante frente a causas raciais, Silvio Almeida marca presença nas redes sociais com o seu canal na plataforma Youtube. No canal dialoga assuntos de extrema relevância marcados com boas histórias, informação e com convidados negros que são representações importantes dentro da sociedade como Emicida, Tereza Cristina, Preto Zezé e Lázaro Ramos. Como primeiro convidado do quadro Entrelinhas, convidou o rapper Mano Brown que foi ao ar no dia 24 de outubro de 2020, onde desenvolveram pensamentos pertinentes sobre a vida, a comunidade negra brasileira e o futuro. O vídeo possui 22 minutos e 48 segundos e a entrevista ocorreu no formato de vídeo chamada. Na transcrição da análise destacamos com fidelidade trechos da conversação que se destacam enquanto exemplos da nossa argumentação frente a linguagem desenvolvida e os marcadores conversacionais presentes nela.

A conversa iniciou-se com Almeida afirmando que Mano Brown é seu professor e como o grupo Racionais MC'S foi canal de estratégias de sobrevivência para jovens pretos. Podemos evidenciar isto na música *Negro Drama*, com o trecho “falo pro mano pra que não morra, e também não mate”, e no trecho de *A vida é Desafio*, onde diz “é necessário sempre acreditar que o sonho é possível, que o céu é o limite e você, truta, é imbatível”.

Em seguida, o diálogo do episódio é transcrito com atenção às particularidades da conversação com enfoque nos marcadores conversacionais na linguagem periférica presente no diálogo. A sigla “E1” quer dizer, entrevistador e “E2” o entrevistado. Os números em

negrito correspondem aos minutos referentes à entrevista para facilitar a compreensão dos dados, assim como as expressões para destacar palavras ou expressões da linguagem periférica. A transcrição seguirá as “Normas para transcrição” de Castilho-Prete(1987), seguidas no quadro abaixo. Essas normas apontam como as marcas ouvidas foram registradas na análise do material.

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	do nível de renda... ( ) nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese )	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento	/	e comé/ e reinicia
Entonação enfática	maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Alongamento de vogal	::ou:::	ao emprestarem os... éh:: o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	o Banco Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões
Comentários descritivos	((maiúsculas))	((tossiu))
Comentários do locutor que quebram a sequência temática: desvio temático	— —	a demanda da moeda- vamos dar essa notação- demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	[ ligando linhas	A. na casa da sua mãe? [ sexta-feira?
Citação literais reprodução de discurso direto ou leitura de textos	“ “	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREira entre nós”...

(CASTILHO,1987, p. 9-10)

### Transcrição 1 :

**0:30 E1** ... eu quero dizer que hoje é um dia muito especial para mim - dia muito feliz, muita alegria porque eu... eu vou poder bater um papo com... com o meu professor... né? **E2 Ó loko.** **E1** com um dos - é verdade **mano**, vou te fala/ vou te falar uma - a gente vai conversar aqui e a gente vai contar umas histórias... **0:51 E1** uma vez a gente se encontrou no aeroporto... você não vai lembrar dessa **parada**... eu encontrei/ você não me conhecia, e a

*gente pegou o mesmo avião, eh:: voltando pra São Paulo de Santa Catarina, Florianópolis*  
*E2 certo. E1 e ai... você tava no voo ai eu falei, cAra o Brown ta aqui, preciso falar com*  
*Bra/ E2 se eu disser que eu lembro? E1 cê lembra mesmo brother?*

Podemos perceber neste trecho transcrito do início do diálogo, que o ministro Silvio Almeida, mesmo sendo uma figura intelectual que ocupa grandes espaços na sociedade, desenvolve em sua fala traços da linguagem periférica, utilizando-se de gírias para se comunicar com o rapper. Compreende-se que não é uma estratégia de comunicação visto a linguagem do convidado, mas sim um diálogo com fluidez natural por parte de Almeida ao se comunicar com um irmão de luta.

Observamos que marcas conversacionais produzidas pelo o ouvinte que orientam o falante de caráter convergente, aparecem a partir das gírias desenvolvidas, como no caso da expressão “ô loko” na transcrição 1. Assim como esta, “*mano, parada, brother*” compõem as gírias utilizadas em toda comunicação desenvolvida no episódio. Mesmo sendo advogado, professor, filósofo e ministro, Almeida não se reteve a uma linguagem culta pela sua escolarização, confirmando como a linguagem se adequa a diferentes contextos.

### **Transcrição 2:**

*1:54 E1 cara:: cê sabe que muitas das decisões que eu tomei na minha vida em termos de... de/ do que eu ia estudar, de como eu ia pensar... éh:: o:: a minha relação com a faculdade de direito éh::: a maneira como eu ia atuar na advocacia foi muito ouvindo os racionais MC'S. Cê/ éh:: assim... vocês me educaram. 2:31 E1 cê tem ideia do:: do quanto vocês foram importantes pra/ pra nos dar estratégias de sobrevivência cara. 3:11 E2 vou ser mais escuro nas ideias, éh:: houve um tempo e isso não é a primeira vez que vou falar disso/ que eu nem sonhava era o caos, precisou ter um motivo, qual foi o motivo, um concurso de hap... 3:25 o hap te deu corda e caçamba, então, te deu régua e compasso 3:30 E2 régua e compasso ao longo do tempo e a caçamba de:: de:: de longas batalhas ((risos)).*

Também é possível verificar marcas pré-posicionadas que orientam o falante no início de turno como por exemplo: “*bom, veja, olha*”, verificados no quadro de sinais conversacionais verbais de Marcuschi(2003), mas aqui a partir de gírias, como podemos verificar na transcrição 2 com a expressão “*cara*” como vocativo. É evidente a fluidez do diálogo, e como a oralidade utiliza-se também de expressões para desenvolver a

comunicação, como no caso da utilização da expressão “*corda e caçamba*” para se referir a contribuição do rap às conquistas do grupo frente às causas.

### **Transcrição 3:**

*8:47 E1 cara, a única coisa que eu tinha orgulho do Brasil era o fato de que o melhor jogador do/ do bra/ do mundo era um cara preto e aquela imagem do Pelé cara com a mão cima assim com aquele dez nas costas, aquela camisa branca.: E2 dá hora.: E1 iss.: isso.: era vida cara. 9:03 E2 será se é permitido prum preto subir tão alto igual o Pelé subiu né?:: parece que o Brasil às vezes não perdoa também né? é uma cobrança E1 não o Bras/ o Brasil ele mata preto:::*

A expressão “*cara*” é presente em todo o episódio, utilizada tanto no início de turno com vemos nesta transcrição 3, como no final de turno como destacado na transcrição 2. Ou seja, foram marcas tanto pré-posicionadas quanto pós-posicionadas com utilização da gíria, descartando a utilização de marcadores conversacionais que marcam a aproximação entre os interlocutores, como “*veja*” “*mas eu*” “*certo, mas*” no início de turno, e “*né*” “*certo?*” “*e então?*” no final do turno.

### **Transcrição 4:**

*21:54 E1 irmão, óh...muitíssimo obrigado, você é um irmão/ E2 você é um cara que faz parte da nossa realização, viu? Silvio... o racionais, eu falo em nome do KL Jay, do Blue do EdRock... você é um cara que faz parte das nossas realizações, nossos sonhos não são individuais, são coletivas... então quando eu vejo os caras brilhantes igual vocês ai tão trabalhando, tão agindo. vocês são nossas vitórias... nossa vitória é vocês, tendeu? não existe a/ essa vitória que se falam não existem, essa é a vitória... E1 obrigado Brown, E2 essa é a vitória... falou? E1 obrigado Brown E2 forte na luta ai, segue forte E1 **tamo junto** viu? E2 obrigada ai, gratidão E1 gratidão*

Os segmentos acima destacam como a conversação ocorreu entre ambos interlocutores. As expressões periféricas utilizadas estavam presentes como forma de manutenção do diálogo, portanto, como marcadores conversacionais que contribuíram diretamente para a fluidez da conversação. Dessa forma, foi possível compreender que a linguagem periférica não foge das organizações linguísticas da conversação, ela se adequa ao seu contexto.

As marcações de atenuação de atitude do falante utilizou da expressão “cara” como vocativo em diversos momentos, como transcritos acima, tanto para iniciação do turno, quanto para a finalização. Expressões como “ó loco” e “dá hora” foram utilizadas pelo rapper Mano Brown, sendo ambas oriundas das periferias, da linguística dessas comunidades. Enquanto uma se refere a algo muito surpreendente a outra se refere a algo muito bom, posicionadas no diálogo como sinais convergentes do ouvinte na orientação do falante. Assim como ele, Almeida também utilizou-se de expressões como “parada”, “irmão”, “brother” para manter sua linguagem informal e assim dialogar de forma espontânea com seu convidado.

Apesar da desqualificação das vozes negras no sistema racista brasileiro, Almeida, ao estar diante de um convidado reconhecido pela sua história de luta, marcada pela resistência e oriundo da periferia, manteve o diálogo de acordo com sua identificação com o convidado. Ambos pessoas negras e conscientes de sua história, o uso do vocativo “irmão”, por exemplo, no reconhecimento do outro e comunhão no pertencimento da mesma trajetória de luta, permitiu que a conversação possibilitasse a utilização de gírias e expressões, valorizassem os mesmos lugares de fala representados pelos portanto, da linguagem periférica.

Na análise verificamos que a oralidade foi responsável por gerar o vínculo de aproximação entre os interlocutores, marcada a partir da troca espontânea através da linguagem. Ambos fazem parte de mundos diferentes dentro da sociedade, dessa forma, a conversação poderia ter sido direcionada seguindo a norma culta do português, visto o nível de escolarização e posição de ambos na sociedade. Entretanto, embora a educação linguística brasileira seja preconceituosa e racista como afirma Nascimento(2019), Almeida não permitiu que seu reconhecimento sobre essa variante fosse apagado, conservando essa linguagem na conversação com o convidado.

Portanto, a partir da posição de Brown e o objetivo do canal traçado por Almeida, desenvolveu-se um diálogo fluido com interação natural a partir das marcas da linguagem periférica, destacando o pretuguês caracterizado por González(1988). Destacando o uso de marcadores conversacionais para representar união, lugar de fala<sup>5</sup> e pertencimento: como destacados: “*cê lembra mesmo **brother?**”, “*nossa vitória é vocês, **tendeu?**”, “*tamo junto, viu?*”, “*essa é a vitória... **falou?**”*”.**

É pertinente compreender como a manutenção da linguagem periférica é uma forma de resistir a hegemonia que insiste em desvalorizar as variantes linguísticas presentes no

---

<sup>5</sup> De acordo com Ribeiro (2019), lugar de fala é uma categoria social que não se limita somente a vivências individuais, visto que se trata de uma discussão estrutural. Nesse caso, não se nega a perspectiva individual, mas a ênfase é depositada no lugar social ocupado com referência à matriz de dominação.

Brasil, silenciadas historicamente por serem consideradas “erros”. A comunicação do rapper Mano Brown não foi silenciada pela norma culta para a entrevista com Silvio Almeida, nem este manteve uma linguagem culta para entrevistar Brown, o que mostra como a comunidade negra legitima seu falar na comunicação em outros espaços e se posiciona frente ao sistema opressor, como discute Quijano(2005). O rapper Mano Brown compreende que o falar da periferia, a forma de falar da rua, é tão resistente que o reconhece enquanto dialeto, por possuir formas diferentes de pronúncia dentro do português e expressões características dessas comunidades. Isso se confirma na música *Negro Drama* de sua autoria no trecho “*Inacreditável, mas seu filho me imita/ No meio de vocês, ele é o mais esperto/ Ginga e fala gíria/ "Gíria, não, dialeto!"*”. É pertinente compreender a partir disso a resistência às tentativas diretas de linguicídio contra esses falares e o reconhecimento dessa linguagem por seus falantes a partir dessa conversação. Da mesma forma, a compreensão quanto a diversificação dos marcadores conversacionais presentes na linguagem periférica mostra como a linguagem se diversifica a partir do tempo e culturas uma vez que observamos que os marcadores identificados não seguem os exemplos classificados por Marcuschi(2003), nem mesmo a norma gramatical do português.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esse trabalho abordou os marcadores conversacionais na linguagem periférica presente na linguagem desenvolvida no primeiro episódio do quadro *Entrelinhas* no canal do Youtube de Silvio Almeida, onde teve como convidado o rapper Mano Brown. Com esse estudo compreendemos a fundamentação dos marcadores na conversação e como a linguagem periférica possui marcas e estruturas próprias no português brasileiro. Foi possível observar os marcadores dentro da linguagem periférica a partir da conversação de Mano Brown e Silvio Almeida confirmando que essa linguagem não foge das organizações linguísticas, mas se adequa ao contexto, utilizando-se de marcadores que não seguem a norma culta, mas não desestruturam a fluidez de uma conversação.

Compreendemos portanto, que a narrativa periférica possibilita a diversificação dessa linguagem, e a partir disso, novas formas de manter o diálogo com a utilização de gírias e expressões. Com isso, verificou-se que a pluralização da linguagem periférica é refém do racismo linguístico, uma vez que há preconceito linguístico aos falares de pessoas não brancas periféricas. Por conseguinte, essa linguagem contribui para a decolonialidade uma vez que há resistência dessa linguística em ocupar outros espaços e permanecer nos falares dessas pessoas mesmo em diferentes contextos. É válido dizer que a manutenção dessa

linguagem é uma forma de resistência, constituindo-se como uma ferramenta de resistência posto que, ela reverbera nas letras de músicas, na literatura marginal e na comunicação de pessoas oriundas da periferia. Como afirma Nogueira (2018) “é na resistência que a oralidade das culturas subalternas se situam”.

Espera-se que essa pesquisa tenha utilizações futuras no embasamento para análises da conversação e no reconhecimento de estudos sobre a linguagem periférica, para assim, progressivamente, descolonizar as concepções linguísticas frente a essa linguagem e assim reconhecer a potência linguística vinda de seus falantes. De acordo com Félix (2020) “(...) aprender sobre uma possibilidade decolonial é ampliar seu próprio horizonte de busca”. Portanto, compreender a necessidade do aprofundamento analítico da linguagem periférica é dar passos à decolonialidade da língua portuguesa brasileira.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Silvio Almeida | Entrelinhas | Mano Brown**. YouTube, 24 de out. de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jLYM6Slieug&t=14s>. Acesso em: 28 de jan.de 2023.

ATHAYDE, Phidia de. **Brown, o mano Charada**. CartaCapital, São Paulo, Ano XI, Nº 310, P. 10-17, SET. 2004.

CASTILHO, A. T. de e PRETI, D. (Org.) (1987) **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**. T.A. Queiroz: FAPESP, v. II.

CERQUEIRA, Fernanda de Oliveira. **Lélia Gonzalez e o pretuguês: do racismo e sexismo ao epistemicídio**. Linguagem, gênero e sexualidade. Salvador: Edufba, no prelo (2021).

FÉLIX, R. **Da voz à letra: oralidade, ancestralidade e resistência**. In: Volta miúda: quilombo, memória e emancipação [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2020, pp. 147-162. Transfluência series. ISBN: 978-65-86213-14-0.

GONZALEZ, Lélia. **A Categoria Político Cultural de Amefricanidade**. Revista Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, 1988.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

MARCUSHI, L. A. (1989) “**Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas, posições e funções**” /n: CASTILHO, A. T. (org.) *Português falado culto no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP, p. 281-322.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da Conversação**. 5ª. ed. São Paulo: Ática, [1986] 2003.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo Linguístico: Os subterrâneos da linguagem e do racismo**. Belo Horizonte: Letramento, 2019. 124 p. ISBN 978-85-9530-300-3.

NOGUEIRA CHAVES, F. **Oralidade, Memória e Resistência Cultural Popular**. *Jamaxi*, [S. l.], v. 2, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/jamaxi/article/view/1714>.

QUIJANO, A. 2005. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: E.A. LANDER. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latino-Americanas*. Colección Sur Sur. Buenos Aires, CLACSO, p. 107-130.

URBANO, H. **Marcadores Discursivos Basicamente Interacionais**. In JUBRAN, C. S (org.). *A construção do texto falado*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 453-482.